

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.404
Sexta-feira, 22 de Junho de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-0
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A Confederação Geral do Trabalho
roga às pessoas que tem a seu cargo os
filhos dos operários têxteis da Covilhã,
os mantenham por mais alguns dias até
que melhore um pouco a situação dos re-
feridos operários.

UM ACONTECIMENTO ALARMANTE

ACENTUA-SE A FALTA DE ÁGUA!

Que fez o sr. Carlos Pereira ao dinheiro que extorquiu à população para abastecer a cidade? Escandalosa protecção dum governo democrático a um monopolista monárquico

A FARÇA que a máxima desvergonha, que a única audácia do sr. Carlos Pereira, vem desmentindo há anos, começou a repetir-se este ano, com as mesmas lamentações e desoladoras características. O autor da farça é, o cidadão e muito conhecido sr. Carlos Pereira. A farça consiste em suprir dinheiro à população sob a promessa de água abundante e acabar por lhe furtar o dinheiro e negar a água.

O ano passado a torpe comédia desempenhada pelo sr. Carlos Pereira custou à população um aumento de 100 % por metro cúbico de água. Custava por essa ocasião 60 centavos e passou a custar 120. O sr. Carlos Pereira arrancou o aumento com o pretexto de extrair dela a verba necessária para obras. O aumento concedeu-se, e a verba que dela se devia extrair para as tais obras entrou inteirinha nos cofres da Companhia.

A água continua faltando assustadoramente. A falta de início, acentuou-se nos pontos altos da cidade. Depois generalizou-se. Lisboa, já começou vivendo sob a ameaça dum incêndio que a devore; já suporta os horrores da sede; já foi gravemente afectada na sua higiene.

E o sr. Carlos Pereira? Calou-se. O seu silêncio é a confirmação da sua vitória. Neste momento de angústia para a população ele sorri e baixinho no seu gabinete amplo onde existe uma vasilha de barro fino contendo água límpida, dum temperamento delicioso...

O sr. Carlos Pereira—se insistimos no seu nome é por ele ser autor confesso de todas as maquinações—conquistou a população do ódio.

Tranquilo, com o apoio do governo, com o auxílio da tropa, esse homem atravessa a cidade no seu automóvel confortável, realizando visitas íntimas e cavaleando com o seu correligionário Moreira d'Almeida, certo da sua impunidade. Mas, na cidade que ele atravessa a água falta.

E ele, o autor da falta de água, passa despreocupado e sorridente, sem se incomodar com as consequências resultantes da falta de água em

Uma revolução na forja? A sorte do inquilinato

Uma conversa que o jornalista surpreendeu na «Brasileira» do Rossio—Parece que realmente existe qualquer coisa de importante—Declarações mal disfarçadas que podem significar muito

Há muito tempo que não troa o canhão na Rotunda!

Estivemos ontem à noite sentados a uma mesa de café que para o caso poderia ser o da «Brasileira» do Rossio. O calor era asfixiante e a cerveja, apesar de gelada parecia possuir o estranho condão de provocar uma sede cada vez mais viva. Os nossos olhos fixavam-se nos transeuntes enlameados, pelo trottoir fronteiro, passavam e tornavam a passar em busca da brisa fresca da noite que ontem não se fez sentir como de costume.

Assim decorreram longos minutos, sonolentos, monótonos, aborrecidos. De súbito, aos nossos ouvidos chegou uma palavra que, a despeito de familiar, nos causou entretanto certa estranheza. Era a palavra *revolução*. Apurámos a atenção e não conseguimos distinguir, entre as palavras que bailavam nos lábios de alguns indivíduos que se agrupavam em torno duma mesa vizinha, senão a mesma palavra de sempre—*revolução*.

Como quem não quer a coisa, lançámos um olhar curioso para o grupo e entretevímos-nos a seguir aquele gesticular nervoso tam peculiar entre os portugueses. Mas—que feliz acaso!—um dos que mais discutia, um baixo, levemente nutrido, face larga e sorriso aberto, era nosso conhecido.

Era um daqueles conhecidos que todos nós, jornalistas possuímos, cujo nome ignoramos, que nos tratam por tu e passam vagamente na nossa vida sem bem sabermos de onde vêm nem para onde vão.

Esse nosso conhecido começou a ser para nós uma esperança. A curiosidade desperdiçou impetuosamente no nosso íntimo. Dessejávamos desvendar o mistério que a palavra *revolução* encobria.

Quando filamos muito uma pessoa parece que uma força oculta obriga essa pessoa a voltar a face. Por isso talvez os olhos do nosso vago conhecido encontraram-se com os nossos. Fizemos-lhe um aceno e um sorriso e sómos de cá um «como vai essa saúde?» que poderia ser também um convite para palestrar.

O illustre desconhecido... que há muito conhecíamos, levantou-se sorridente e veio cumprimentar-nos. Ofereceu-lhe cerveja, ofereceu-lhe-lhe champanhe, se o pudessemos pagar, só para ter o prazer de o ouvir.

—Então temos revolução na forja?—dissemos-lhe à queima-roupa mal o vimos abanado junto de nós.

—Quem lho disse?—fez ele vivamente admirado.

Disfarçámos o nosso contentamento. Havíamos batido em boa tecla. O seu vivo interesse por descobrir o nosso suposto informador provava que realmente alguma coisa havia. E proseguímos

foi tratada na Câmara Municipal do Porto, a qual, em «harmonia» com as teorias defendidas pelo sr. Velho Palma, que ali fora realizar uma conferência, pretende colocar as suas casas fora da legislação geral do país...

PORTO, 19.—A Câmara Municipal desta cidade, que também é senhoria de uma excelente bairra para operários, quiz igualmente demonstrar ao respeitável público que se interessa muitíssimo pela ruidosa questão do inquilinato, que presentemente agita o país de norte a sul. E para que não ficasse em dúvida os seus nobres sentimentos a favor dos municípios, cuja imensa maioria tem visto esbarrados os seus direitos, pôs em prática a realização duma conferência nos paços do concelho, subordinada ao pomposo título de «Problema da habitação e da alimentação barata», precisamente duas coisas importantíssimas que o Município tem descuidado com criminoso desleixo e descaramento.

Para conferência, foi escolhido o tenente-coronel sr. Velho da Palma, professor do Colégio Militar, que veio de abalada da capital do país para a capital do norte onde os considerados edis lhe prodigalizaram uma carinhosa recepção de boas vindas. Convidado o populoso a assistir ao acto instrutivo, este efectuou-se, enfim, estando os assistentes com toda a postura e atenção...

Com grande surpresa dos ex. varredores, perdão vereadores, o conferente vinha infundido de princípios «P. y. M. galecos», que não se quadram lá muito bem com as teorias municipais do burgo.

Encarando o problema do inquilinato sob os aspectos económicos, financeiros, sociais, higiénicos, morais e de ordem pública, chegou o sr. Palma à conclusão de que um bom meio para remediar o mal será a criação de um Crédito Nacional Urbano, assim como já existe um Crédito Nacional Agrícola. Esse crédito seria aberto em que pelo Banco de Por-

to, até à importância de 50.000 contos em 3 emissões: a 1.ª, de 20.000 contos, ao juro de 3 %; para casas destinadas aos funcionários públicos; a 2.ª, de outros 20.000 contos, para casas destinadas aos operários; e a 3.ª, de 10.000 contos, para os cidadãos não compreendidos nas 2 classes anteriores.

Construídas as casas com este dinheiro «patriótico», os inquilinos, se não passassem a pronto pagamento, comprariam a prestação-renda no prazo de 15 anos. Uma casa com 4 divisões custaria 7 contos e com 10 divisões 39 contos, o que hoje o inquilino paga respectivamente naquele período, 18 contos e 72 contos, ficando as casas sempre do proprietário.

Sim, senhor, está tudo muito bem; a Câmara aplaudiu, freneticamente, a genial ideia, demonstrada, ainda para mais, a sua praticabilidade com frizantes números em elucidativos mapas. Atendendo ao aplauso concedido pelos doutos senadores locais e ao succulento copo de água oferecido ao illustre conferencista, «algum» supôs que este tivesse aperfeiçoado o tolo dos nossos edis. Nesta faheira hipótese, esse «algum», aproveitando o rescaldo do entusiasmo, abeirou-se dos donos da *Domus Municipalis* e afrouzou-lhes a queima-roupa.

—V. Ex.ª, por dever de coerência com os vossos aplausos às teorias do sr. Palma, já vão já dar o exemplo, comunicando aos inquilinos dos bairros operários municipais de que hoje para o futuro as suas rendas serão consideradas prestações destinadas a amortizar o custo das casas, ficando no fim de tal qual prazo senhores delas? É a melhor homenagem, o melhor aplauso-fe-

lido ao pensamento do sr. Velho da Palma...

E os srs. vereadores, responderam com um sorriso irónico e seco: —«O homem, você está doido... Por dever de coerência e de humanidade, o que pedimos com toda a insistência é que as casas da Câmara fiquem fora de qualquer lei geral do país sobre o inquilinato, para, sendo um estado dentro do estado, subirmos ao alugar quando nos apetece e quanto entendermos, cercando todas as regalias aos inquilinos...»

O «algum» não caiu com uma síncope, porque antecipadamente, prevenido a decepção, lhe borrifámos a cara com água fresca...

Outro tanto acontece com o problema da alimentação barata. O conferencista, por conclusão, falou-nos em grandes cozinhas económicas, a exemplo do que se faz lá fora. Ora a Câmara, a exemplo do que se não faz lá no estrangeiro, faz súa com essa grande comissão abastecedora de gado que *cozinha* arranjanços misteriosos, devido ao que a carne encarece constantemente para honra e proveito das Companhias Utilidade Doméstica, Nacional dos Talhos, etc. E ainda para honra e proveito desta gente e mais do sr. Tetino, que se proíbe a entrada da carne nas barreiras de Matosinhos, embora por outro lado a Câmara diga que este conselho já está anexado ao Porto, e se consentem os matadores clandestinos—para melhor debelamento da tuberculose e da mortalidade infantil e para maior desenvolvimento da higiene, de que falou o conferencista...

E foi para isto que a Câmara efectuou aquela conferência. Ora bolas...

Rebeldias Um padre repelente

O caso da Angra do Heroísmo a que A BATALHA há dias se referiu

UMA CARTA QUE MELHOR ESCLARECE A QUESTÃO

A propósito duma correspondência de Angra do Heroísmo há dias publicada na *Batalha*, a qual relatava as torpes facinoras dum padre professor da Escola Primária Superior daquela cidade, que fizera indecorosas propostas a uma aluna, recebemos do irmão desta, que se encontra em Lisboa, a carta que segue, e cuja publicação nos é pedida: «Presado camarada redactor:—Li na *Batalha* de hoje a notícia fidedigna publicada em correspondência vinda dos A. d. sobre o escândalo recentemente havido na Escola Primária Superior de Angra do Heroísmo, e de que foram protagonistas um padre professor e uma aluna daquele estabelecimento de ensino—escândalo que presentemente apassiona a opinião pública daquela pacata e recondida cidade, por a burguesia local tentar abafá-lo, afim de que dele se saia sem desprestígio o velho e relaxado ministro de Cristo, autor da laçanha.

A aluna em questão é uma das minhas irmãs, e por isso, sem dúvida, era a mim que competia trazer este caso à luz da publicidade, todavia não o fiz por diversas razões, entre elas, por saber que as partes ofendidas tomando, em geral, um certo calor e uma paixão demasiada pelas ofensas dos outros recebidas, não se acham em circunstâncias de as discutir, sendo muitas vezes por isso os seus testemunhos e declarações considerados como factiosos e um pouco exagerados.

Mas como houve alguém—e alguém, que eu desconheço—que se encarregou de trazer ao conhecimento dos leitores do porta-voz da organização operária, o caso em questão, narrando-o com uma absoluta e precisa fidelidade, perfeitamente nos mesmos termos em que a minha família me comunicou, eu vejo-me também perante mim mesmo na obrigação de dizer qualquer coisa do que penso sobre o assunto.

Está claro e nem é preciso dizer-lo que pelo conhecimento, que eu tenho das duas partes em litígio, estou plenamente convencido que a acusação feita pela minha irmã, não é destituída de veracidade, e suponho também que o próprio sindicato da mesma coisa está igualmente convencido, todavia, apesar disso, estou persuadido de que neste pleito a verdade será mais uma vez falsada, porque para a respeitar, ter-se-á de ferir um serventurio daquela instituição, que por excelência soube elevar ao mais alto grau a maneira de escravizar e domesticar os homens—instituição a que a burguesia bastante guerreou outrora, quando a encontrou a servir-lhe de estorvo na sua subida ao poder, mas que procura agora, ao ver avançar as ondas ameadoras das massas em revolta, cercar novamente de prestígio e de respeito, para que ela lhe sirva de amparo e de escudo nos dias de luta, que se aproximam.

Portanto, atendendo a todos estes factores, eu não conto, nem nada espero da tal sindicância ordenada daqui pelo minist. rio de Instrução.

Seja dito de passagem, que encara-do a questão particularmente, convier-me-lia a mim e a meus pais, que o sindicato desse a acusação como prova, pois que assim evitar-se-ia a perda dum ano escolar, isto é, a perda de tempo e dinheiro, coisas que se não podem descurar na época cheia de dificuldades, que vamos atravessando.

METALÚRGICA
Sindicato de Vila Real.—Recebemos officios e vales aos quais vamos dar o destino que indicis.
Sindicato de Beja.—Recebemos officio; aguardamos decisão.

Notas e Comentários

Crítico exigente

O sr. Matos Sequeira, apreciando no *Mundo* o livro de versos dum estrangeiro, dizia desdenhosamente que «ele não revelava fadiga de génio».

Enfite o sr. Matos Sequeira exige génio aos que se estireiam literariamente com um livro de versos? Estávamos servidos se tam absurda doutrina criasse raízes. Ninguém era poupado. Nem mesmo o sr. Matos Sequeira escapava. Porque todos concordarão, sem esforço, que ele não tem fadiga de génio. E se alguém lhe exigisse como condição indispensável para ser crítico, certamente que o sr. Sequeira teria de abdicar.

Ataque iníquo

A *Imprensa Nova* ataca a absolvição de Manuel Ramos, dando por esse motivo, irónicamente, parabéns ao dr. sr. Mário Monteiro. O ataque do citado jornal é simplesmente abjecto. Deturpa veladamente os factos para incidir sobre Manuel Ramos a antipatia e o ódio. Mas que mal fez Manuel Ramos a *Imprensa Nova*?

A União dos Educadores

A «Capital» dirige as suas setas envenenadas contra o apelo endereçado aos seus colegas pelo nosso amigo e professor Cândido Júnior a favor da adesão à União Internacional dos Educadores? Diz ela que as ideias de paz são inúteis, isto que ao rebanhar a guerra todos os pacifistas nela se envolvem. Argumento absurdo. Se as ideias pacifistas penetrassem profundamente a humanidade a eclosão duma guerra encontraria sempre um formidável obstáculo.

De resto o argumento é iníquo. Um dos vultos da «União Internacional dos Educadores» é Romain Rolland, que durante a guerra europeia se bateu pela

A erupção do Etna

Aumentam os prejuízos e redobra o pânico

ROMA, 21.—Parece que Linguaglossa se salvará. A cidade estava ameaçada por uma corrente de lava de 300 metros de largura, que se encurruvava poupando a cidade.

Os prejuízos nas regiões circunvizinhas do vulcão são enormes e o pânico alastra entre as populações. Desta cidade têm sido enviados com a maior urgência toda a espécie de socorros.

O bispo acenou à lava...

ROMA, 21.—Depois duma noite relativamente tranquila o Etna recommençou com grande violência a expelir lava e matérias incandescentes havendo nuvens de poeira e de fumo até a distância de 40 milhas. A quantidade de lava lançada pelo vulcão é espantosa. Grandes extensões de terreno em redor do vulcão estão cobertas de cinzas. Os habitantes das aldeias próximas continuam a fugir aterrorizados. Também os 15.000 habitantes da cidade de Linguaglossa abandonaram a cidade que no entanto ainda não foi atingida pela lava. O bispo e os sacerdotes tem feito várias procissões, tendo o bispo dum monte que protege a cidade, acenado à lava que se retire, com o seu báculo pastoral.

Tem sido usados toda a espécie de transportes para conduzir para fora da zona perigosa os haveres dos habitantes.

A erupção foi precedida por um violento tremor de terra, que inutilizou as linhas ferroviárias numa grande extensão.

A esquadra aerea italiana recebeu ordem para se pôr à disposição das autoridades encarregadas de proteger as populações dos distritos sinistrados.

A ocupação do Ruhr

Crise metalúrgica no Luxemburgo

BRUXELAS, 21.—A situação das indústrias metalúrgicas no Luxemburgo é muito precária devido às entregas insuficientes de coque.

Os estorços que tem sido feitos pelas indústrias para substituir o carvão de coque do Ruhr por outro combustível, não tem dado resultado por vários motivos entre outros porque esses combustíveis são de qualidade inferior.

A Conferência de Lausanne

Chegou-se novamente a des-sacórdos

LONDRES, 21.—O *Daily Telegraph* diz que é muito possível que a conferência de Lausanne se encerre no fim desta semana sem se chegar a qualquer acordo. O mesmo jornal diz que os turcos devem ser prudentes porque se de novo reabrir a guerra perderão Constantinopla para sempre.

As infâmias dos senhores e as anomalias da lei

Já falámos sobre o caso de que nos vamos ocupar. Manuel José Trancoso, reside no 2.º andar, direito, do prédio n.º 537 da rua Maria Pia. A senhoria chama-se Rosa Maria. Esta arranjou qualquer pretexto, e os pretextos arranjam-se sempre, para despedir o inquilino e negou-se a receber a renda, e Manuel Trancoso foi depositá-la na Caixa Geral de Depósitos.

A Rosa Maria promoveu-lhe uma acção de despejo, baseando-se na falta de pagamento de rendas de quatro meses, acção que foi impugnada pelo inquilino, provando que as rendas foram depositadas. As coisas complicaram-se de tal forma que Manuel José Trancoso foi condenado a pagar 15797 de custas e 140574 para o Estado, e ainda a despejar o prédio.

Mas, por ser interessante, vamos para aqui transcrever algumas considerações feitas na sentença pelo respectivo juiz, dr. sr. Francisco de Sales Pinto de Mesquita Carvalho:

«Este processo e outros semelhantes que têm sido sujeitos ao meu julgamento, mostram a necessidade urgente de se modificar a lei do inquilinato no que respecta a pagamento e depósito de rendas fora do prazo contractual por inquilinos que não pretendem furtar-se ao pagamento das rendas, modificação que tem de ser favorável a tais inquilinos. O decreto n.º 5411, com quatro anos de existência, já não corresponde às necessidades criadas pela vida febril das sociedades, sobretudo no que respecta a crise de habitação; mas é lei e os tribunais têm de cumprir».

E em face de tal lei, que um juiz reconhece não dever já existir, condena o inquilino a pagar uns centos de escudos e a despejar o prédio em que habita.

Quantos crimes se cometem em nome da lei!

SECCÃO TELEGRÁFICA

C. G. T.
Covilhã.—Têxteis.—As crianças de que nos falais no último officio estão bem, já as vimos e brevemente vos darei notícias.

É conveniente que nos informéis claramente sobre a vossa situação e que reís já o regresso das crianças.

Porto.—Delegação Confederal.—Enviámos o expediente que requisitastes para os mineiros. Dizel-se recebistes.

Beja.—Sapateiros.—Recebemos valem a importância de 141925 centavos para auxílio de A. Batalha e presos.

Federações

METALÚRGICA
Sindicato de Vila Real.—Recebemos officios e vales aos quais vamos dar o destino que indicis.

De resto o argumento é iníquo. Um dos vultos da «União Internacional dos Educadores» é Romain Rolland, que durante a guerra europeia se bateu pela

LUTA DE CLASSES

Evidentemente a humanidade está dividida em duas classes irreconciliáveis: a capitalista, que, dona do poder, goza de todas as comodidades, e a produtora que recebe em troca da sua excessiva fadiga o indispensável para viver.

A burguesia, para manter-se no poder conta com numerosas armas de coacção que emprega para submeter a classe trabalhadora, tais como o militarismo, a justiça, o clero e a imprensa; ao mesmo tempo emprega uma série enorme de procedimentos que todos coadjuvam ao mesmo fim, como sejam o de enviar agentes provocadores às reuniões próprias filiais, e o de subornar aos militantes que eles considerem que lhes podem ser úteis, etc., etc.

Desta maneira, a classe capitalista montou uma máquina que lhe permite dominar de forma absoluta a classe proletária que forma a maioria da sociedade.

Ora bem, os trabalhadores lutam por libertar-se da tutela capitalista, não querem continuar a ser explorados; querem despojar a classe capitalista do que ela indevidamente se apropriou. Como responde a isto a burguesia?

Primeiramente encarcerando os melhores militantes e logo quando eles consideram que a sua situação de privilégio periga, sem escrúpulo põem em função as muletas, os canhões e até os tanks. Se creem necessário, numa palavra: massacraram sem compaixão os trabalhadores que não querem seguir submetendo-se a um regime de desigualdade social.

A violência é a alma predilecta da burguesia; sem a violência não lhe seria possível manter-se como classe dominante; se ela considera necessário sufocar em sangue qualquer acto de rebeldia da classe proletária, fá-lo sem contemplações, e não se conforma com isso, se não depois de ter achado o movimento iniciado pelos trabalhadores.

Sempre sobrevém um período de reacção capitalista; durante esse período arroja-se a imprensa onde se editam os jornais revolucionários; também não existe liberdade de palavra ou de pensamento; os melhores propagandistas estão nas prisões, e muitas vezes são as mesmas arrancadas as conquistas feitas anteriormente. Convm então reflectir sobre a maneira porque a classe trabalhadora deve lutar contra um inimigo que, como vimos, defende-se com todas as armas que considera úteis.

Ninguém se atreverá a sustentar que a classe capitalista fará entrega à sociedade de todas as riquezas porque simplesmente não o fará se a classe trabalhadora limita a sua acção a fazer de clarções platónicas; deverá esta empregar todas as armas que considerarem capazes para vencer a classe exploradora.

Nesta luta a violência é indiscutível, e quanto mais resistência oferecem os capitalistas, tanto mais crua ela será. Empregando a violência os trabalhadores libertar-se-ão da escravatura. Isto não significa que da noite para o dia se possa vencer a burguesia. Haverá períodos de lutas mais ou menos longos; porém, em definitivo triunfará o proletariado.

É necessário ter-se em conta que qualquer acto de fraqueza nesses momentos pode pôr em perigo todo o movimento insurreccional; de forma que é necessário proceder com firmeza até que se tenha esmagado definitivamente a classe capitalista, afim de poder em seguida começar a construir uma sociedade onde não existam explorados nem exploradores e possamos assim viver em um regime de paz, amor, igualdade e justiça.

Gaitano ORIOLO.

Ainda o Congresso Escolar

No próximo domingo, 24, reúnem no edifício da Escola Industrial Machado Castro os alunos e alunas, pelas 15 horas, para ser apreciado o relatório da delegação da Escola ao Congresso Escolar.

O PÃO

O operariado de Vila Franca de Xira protesta contra o seu encarecimento

As associações operárias de Vila Franca de Xira, tendo conhecimento de que se pretende mais uma vez elevar o preço do pão no concelho, que é uma das mais fartas regiões cerealíferas do país, distribuiu profusamente um manifesto convocando o povo a uma reunião ou comício que oportunamente se anunciará.

Neste manifesto protesta-se contra o facto de um lavrador do concelho se negar a entregar as enormes quantidades de sacos de trigo nacional que tem armazenados, para assim conseguir o agravamento do custo do pão, e contra as influências que se estão movendo para que a nova lei que há de reger o ano agrícola de 1923-1924 seja favorável aos lavradores, quando os salários dos trabalhadores rurais foram durante o inverno e continuam sendo simplesmente irrisórios.

Ao chefe do governo foi enviado o seguinte telegrama:

As associações das classes operárias deste concelho, reunidas, protestam embebercadamente contra qualquer aumento de preço do trigo da nova colheita e do preço do pão.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

Mutualismo e cooperativismo
Caixa Económica Operária. — Para continuação de trabalhos, são convocados os sócios desta Cooperativa a reunir em assembleia geral, hoje, às 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Discussão de propostas apresentadas em assembleias anteriores; 2.º Eleição de cargos vagos.

Trabalhadores:
LEDE A BATALHA

19 DE OUTUBRO

Proseguem os julgamentos no Tribunal de Santa Clara

DEPOIMENTOS DE ALGUMAS TESTEMUNHAS

Quarta audiência do julgamento dos oficiais que estavam no Arsenal na noite de 19 de Outubro.

Abriu às 12 horas. Faltaram à chamada as testemunhas capitão sr. Cunha Leal, tenente sr. Aguiar Langa e deputado sr. Afonso de Macedo.

O promotor, general sr. Carmona, requer que se proceda à leitura dos depoimentos das testemunhas que faltaram, e sejam levantados imediatamente os respectivos autos de notícia.

A testemunha Alfai de Gouveia, recusa o seu depoimento.

O promotor: — Estava no Arsenal por ocasião das mortes?

— Estava. Quando chegou o coronel Botelho de Vasconcelos abriu-se a porta do Arsenal e apareceram dois oficiais que fizeram a seguinte pergunta: «Quem é esse?» «É o coronel Vasconcelos», responderam os marujos.

— E o que disseram os oficiais?

— Então tragam-no cá para dentro, e tem a certeza de que a frase foi essa?

— A certeza absoluta.

— E algum destes oficiais?

A testemunha Alfai de Gouveia levanta-se e aponta para o capitão de fragata sr. Luís Ramos.

— Como sabe isso?

— Porque reconheci este sr. oficial no gabinete do sr. Barbosa Viana, reconhecimento esse a que assistiram o irmão de Machado Santos e Carlos da Maia.

O capitão de fragata sr. Freitas Soares.

Sabe se haveria no Arsenal forças para dominar os revoltosos?

— Não senhor. Tenho a impressão de que, se algum oficial a tal se propusesse, corria o perigo de ser fuzilado.

O dr. Orlando Marçal: — Eu já conheço o depoimento da testemunha... E também conheço v. ex.ª de o ter visto no ministério do interior.

— Eu não me lembro de já ter estado. Mas vamos a que importa? O que estava fazendo a testemunha no Arsenal?

— Eu não estive no Arsenal.

— Visto isso, nada sabe...

— Sei. Estive à porta do Arsenal e acompanhei a escolta que matou o coronel Vasconcelos.

— Tem a certeza de que era o capitão de fragata sr. Luís Ramos que veio à porta?

— A certeza não tenho.

— O que andava a testemunha a fazer nessa dia, fardado de marinheiro?

— Não andava, não senhor.

— Qual foi o oficial que primeiro chegou à porta do Arsenal?

— Eram dois. Um alto e forte e outro baixo e de cara rapada.

A seguir depois do dr. Jacinto Simões, que repete o seu depoimento prestado nos anteriores julgamentos.

A seguir, o 1.º sargento Lucas, declara ter visto uma praça baixinha e de mau apolinar a arma ao sr. Carlos da Maia.

O promotor: — E não prendeu essa praça?

— V. ex.ª não ignora que desertaram da Armada muitas praças.

— Chegou a ser acareado com alguns marinheiros para capturar essa praça?

— Andei à procura dela, mas não a encontrei.

Os operários de transportes
realizaram em Berlim uma conferência internacional

Realizou-se em Berlim uma conferência internacional de trabalhadores de transportes filiados na Federação Internacional de Transportes e na Federação russa dos trabalhadores de transportes.

Tomaram nela parte, entre outros os seguintes militantes Robert Williams, Fimmen, Johann Dohring, Marcel Bidegaray, N. Natans, A. Sadowski e A. Losowki, este último do conselho central pan-russo dos sindicatos.

Travou-se larga discussão finda a qual se dissiparam todos os mal entendidos existentes.

Em conclusão dos seus trabalhos a conferência deliberou lançar um apelo para a luta contra a guerra; lançar outro apelo para a luta contra o fascismo; formar um comité de acção para realizar a frente única dos trabalhadores de transportes e preparar a luta contra a guerra, contra o fascismo e contra a religião; criar um fundo de socorros para as organizações dos trabalhadores de transportes vítimas do fascismo e, principalmente, para socorrer e reorganizar os trabalhadores de transportes de Itália; convocar no próximo outono um congresso internacional de transportes de todos os países e de todas as tendências afim de se criar a frente única.

MÚSICA
O Concerto da Filarmónia no Coliseu

É cheio de interesse e criteriosamente preparado o programa que a seguir publicamos com o qual se apresentará perante a grande multidão que encherá amanhã a vasta sala do Coliseu a belíssima organização musical portuguesa que é a orquestra Filarmónica de Lisboa, formada pelos melhores executantes do nosso meio que Francisco de Lacerda dirige com aquela competência que fez dele uma das prestigiosas figuras do nosso país. Esta notável orquestra depois dos admiráveis êxitos de S. Carlos e do Porto não deveria deixar de se apresentar perante o grosso da população de Lisboa que em geral frequenta recintos menos acessíveis pelo preço e pela qualidade. Por isso não é de admirar que um grande e sincero público de todas as classes faça a justa consagração que a orquestra merece e que amanhã vai acentuar definitivamente o apelo que tem patriótica organização sobre o seu.

O programa é o seguinte: Esmelt (abertura) Beethoven; Largo-Rondo (Minuetto-Ramau); Prelúdio da ópera F. de Luis de Sousa-Freitas Gazez; Fragmentos dos Mestres cantores Wagner; Freischütz (abertura) Weber; Rerietrie-Schumann; Stenik R. z. n. (poema sinfónico) Glazunow; Sinfonia-David de Sousa; Rousodia Norueguesa-Lalo.

Coliseu dos Recreios

Amanhã: Sábado, às 21 horas e um quarto

Unico Concerto Popular

PELA FILARMÓNIA DE LISBOA

Grande orquestra por associação de 85 executantes, formada com os melhores artistas de Lisboa, sob a regência do mestre Francisco de Lacerda, a qual depois dos sucessos dos teatros de S. Carlos e S. João do Porto, deseja apresentar-se perante todas as classes da capital, incluindo as menos abastadas.

Preços: Camarote de 1.ª, 50.000; de 2.ª, 30.000; Frangas, 25.000; Paquetes de 10 frangas, 25.000; Paquetes de 5 frangas, 12.500; Geral, 2.500.

AS GREVES

Marceneiros da Carpintaria Mecânica Portuguesa

Em virtude duma ordem da direcção desta fábrica, que consistia em mandar apalpar os emburlos onde os operários levavam as magras refeições, ordem esta atentatória da dignidade dos mesmos operários, declararam-se em greve os marceneiros da Carpintaria Mecânica do Rato.

O S. U. Mobilário, a quem a questão foi entregue, avisou-se ontem com a gerência, não dando resultado essa «demarcação».

O pessoal reunido deliberou não retomar o trabalho sem que essa ordem seja revogada. Hoje já uma comissão entrevistou novamente a gerência afim de procurar solucionar o conflito.

Em face disto, a comissão de melhoramentos previu todos os operários mobiliários que não devem trabalhar naquela casa enquanto a ordem que motivou esta questão não for revogada.

Igualmente se convidam os camaradas carpinteiros da casa a não acabarem o trabalho de marcenaria, tendo já esta comissão procurado avistar-se com o sindicato respectivo.

Operários têxteis

Os operários das fábricas do Dáfundo e Campo Pequeno continuam, em face da resistência dos industriais, dispostos a proseguir na luta até que sejam atendidas as suas reclamações.

A direcção da União Têxtil apela para a solidariedade de toda a organização operária, afim de auxiliar materialmente estes seus camaradas, há já quatro semanas em greve.

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Tendo apreciado devidamente a marcha do conflito provocado pelos industriais das Fábricas do Dáfundo e Campo Pequeno e sabendo pela comissão que os entrevistou de que não dão garantia alguma aos seus operários, este Comité apela para a consciência que os grevistas têm sabido afirmar afim de que continuem firmes até à vitória, pois não devem esquecer que só a estrita solidariedade de todos que produzem há-de destruir para sempre a vil exploração do homem pelo homem. — O Comité.

Soldadores de Olhão

Com uma coesão digna de registo, continuam em luta estes camaradas, que reúnem ontem para a comissão que se entrevistou com a Associação Industrial dar conta da sua situação.

Ouvindo a mesma comissão, constata a classe que as propostas eram inaceitáveis, pelo que se manifestou pela continuação da greve até que justiça lhe seja feita.

Apesar da miséria já de há muito ter invadido os seus lares, mantêm os grevistas uma moral excelente, tendo a comissão feito um apelo à classe doutas localidades, afim de auxiliarem os mais necessitados.

Os Corticeiros de Alhos Vedros

Há umas cinco semanas, abriu na fábrica Cabeçadas, Ld.ª, uma secção de quadração, sob a égide do sr. Américo Olin, que logo no início garantiu aos operários que para ali fossem trabalhar, que pagaria a tabela da sua fábrica na Estrela. Sucede, porém, que este senhor, ao mesmo tempo que fazia tal afirmação, tratava junto da firma Cabeçadas de elaborar uma outra tabela que contém, além do que provocou este conflito, várias outras alterações, o que não tem em relevo o seu pouco critério.

É claro que, como os operários que iniciaram a fabricação desconheciam a tabela da Estrela, e como começaram a trabalhar em calibres com preços iguais aos da referida tabela, não julgaram que estivessem a ser vítimas de um logro, e assim anteontem, ao começarem a trabalhar em determinação de calibre, foram avisados pelo sr. Camillo Olin, encarregado gerente, de que o preço era menos 20 que o indicado na tabela prometida. Os operários surpreendidos, manifestaram-se energicamente contra tal baixo procedimento, abandonando o trabalho.

Hoje, às 14 horas, deve uma sua comissão avistar-se com a firma Cabeçadas, a fim de a pôr ao corrente sobre a veracidade dos factos, e impedir assim que o pessoal, seja vítima de critérios errados.

AS CREANÇAS

Fracas de nascença ou as que tem o organismo enfraquecido por doenças que tiveram, as que tem falta de apetite ou cor pálida, as que se encontram em convalescença de qualquer doença grave e, em geral, todas as crianças raquíticas, escrofulosas ou linfáticas, devem tomar o «Adipol», tónico excelente para crianças, preferível às emulsões e ao óleo de fígado de bacalhão, pelo seu gosto agradável e pelas suas superiores propriedades tonificantes. O «Adipol» accelera a nutrição, estimula o apetite e facilita a digestão, todas as crianças, seja qual for a idade, podem tomar o «Adipol». Ele não contém substâncias que irritem o estômago ou os intestinos.

Frasco, 10.000. Correlto, mais 300. Depósito geral: Farmácia Monteiro Avenida Fontes Pereira de Melo, 13-A e 13-B, Lisboa. Telefone 3041, Norte.

A BATALHA

Classes que reclamam

Ferrovários da C. P.

A comissão de melhoramentos entrevistou-se anteontem com o ministro do comércio sobre as reclamações pendentes, devendo a classe reunir em assembleia magna no próximo domingo, pelas 14 horas, a fim de tomar conhecimento do actual estado da questão e resolver em conformidade.

Operários do município

Reunidos em assembleia magna, e tendo sido expostos os trabalhos realizados pela comissão de melhoramentos para se conseguir um congnio aumento de salário, protestaram contra a atitude da câmara que mostra voltar ao mais revoltante despriso o seu pessoal operário, que luta com as aguras da miséria. Protestaram ainda contra os pretendidos despedimentos e resolveram realizar em breve uma nova assembleia magna.

Compositores e impressores

Em virtude de informações de várias oficinas que tivemos conhecimento, a comissão pró salário mínimo e diário resolveu indicar ao pessoal dessas oficinas que não se devem precipitar mas unicamente cumprir com as deliberações desta comissão, que continua a trabalhar activamente para conseguir as reivindicações das classes. Recomenda também aos camaradas das várias oficinas que, por ventura ainda não tenham nomeado delegado para que o façam quanto antes pois que atendendo à importância da missão que lhes é destinada são absolutamente indispensáveis para o bom êxito das reclamações.

A VOZ DA CADEIA

Mais um apelo que a consciência operária deveria evitar

É com mágoa que constatamos que as manifestações de solidariedade da maioria dos camaradas conscientes, são de momento. A sua solidariedade só se manifesta, quando os nossos apelos são verdadeiros gritos de angústia provocados pelo terrível espectro da fome, lançado sobre nós a sua horrível pressão.

É lamentável que tal suceda, é lamentável que essas camaradas não vejam que quando por sua culpa somos forçados a fazer tais apelos, fazemos constrangidos, porque já de antemão sabemos que são motivos de júbilo para a burguesia.

Alguns camaradas há, que conhecendo bem a nossa situação, se esforçam por nos prestar toda a sua solidariedade moral e material.

O seu sacrifício é grande e não só grande como quasi nulo, porquanto infelizmente se encontram sós.

Se todos os trabalhadores conscientes se comprometerem de quanto de activos e nobres tenham o significado moral da palavra «Solidariedade», o sacrifício dessa minoria consciente seria menor e nós não teríamos necessidade de estar constantemente fazendo apelos.

Há ocasiões em que nos sentimos humilhados quando o fazemos pois temos a impressão de que estamos esmolando.

Consequentemente, é necessário que todos os camaradas conscientes contribuam com a sua quota-parte para que o nosso sofrimento ocasionado pela prisão mingué; abrimos «quites» aos lugares de trabalho em auxílio dos presos de delito social sindicalista: revolucionários e libertários, prestando-nos assim a sua solidariedade material.

Para nos prestarmos a nossa solidariedade moral, devemos também vir visitar-nos à Cadeia do Limoeiro — Grupo B e ao Forte de Monsanto — Grupo A.

Aproveitando a ocasião, lembremos também o desinteresse e indiferença com que tem sido acolhidos os nossos apelos pró-Biblioteca dos Presos de Delito Social Sindicalistas Revolucionários e Libertários.

Mela dúzia de camaradas apenas, tem escutado estes apelos, meio dúzia livros tem sido oferecidos a esta Biblioteca.

Números operários possuem bibliotecas suas; se todos eles tirassem das mesmas um exemplar apenas que fosse, não fariam sacrifício algum, e a nossa biblioteca seria consideravelmente aumentada.

Desnecessário se torna demonstrar qual a utilidade de uma biblioteca na cadeia, pois não se utilizam dela apenas os presos de delito social, mas sim todos os presos em geral.

Esta biblioteca, foi criada por iniciativa da F. J. S., e lamentamos que grande número de jovens sindicalistas (e podem fazê-lo) não tenham secundado a iniciativa da sua federação.

Terminando, esperamos que todos aqueles que o possam fazer nos enviem obras sobre literatura, filosofia, sociologia, arte, etc., etc., contribuindo assim para a cultura dos presos.

Toda a correspondência ou donativos deve ser dirigida para Raúl dos Santos, Cadeia do Limoeiro, Grupo B.

Os presos sindicalistas

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

A higiene Municipal

Camarada redactor. — Desde 18 do corrente, isto é, desde que se pôs em vigor o edital sobre a remoção do lixo à noite, que o Beco do Loureiro, em Alameda, não é varrido nem lavado a agulheta, o que, se a nova variação tem realmente o desejo de bem cumprir a sua missão, não deve continuar a verificar-se, pois os numerosos moradores, de cujo número faço parte, têm a sua saúde seriamente ameaçada com o perigo de uma epidemia. Que se dem, portanto, rápidas providências. — Um assinante de «A Batalha».

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO
COVILHÃ

UMA SINDICAL

Comité Confederal

Em sua reunião de ontem apreciou e deu devido despacho ao muito expediente recebido.

Sobre um ofício da Delegação Confederal de Propaganda do Porto em que se comunica a organização da Associação dos Mineiros de São Pedro da Cova, resolveu dispensar-lhe todas as facilidades. Temou também conhecimento da constituição de mais um sindicato rural em Liborço.

Secção de União

Para continuar ocupando-se da importante questão do inquilinato e outras de interesse imediato, reúne hoje às 20 horas.

É indispensável a comparença de todos os elementos que no Conselho Confederal são delegados efectivos ou adjuntos das Uniãos de Sindicatos.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Reúne, ontem este Secretariado que deu despacho ao expediente existente, dando, como de costume, a consulta jurídica.

Novamente reúne o Secretariado na próxima terça-feira para continuação dos trabalhos em discussão, devendo comparecer todos os seus membros e o advogado que ontem falou.

U. S. O.

Reúne, hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa, devendo comparecer todos os delegados, em virtude da gravidade dos assuntos a tratar.

COMUNICAÇÕES

Federação Marítima. — Reúne para continuação dos trabalhos pendentes da reunião transacta.

O secretário geral expôs o estado da questão dos camaradas de Sines e das demarções tentadas para a sua solução.

Depois de falar o delegado directo, camarada Palmeira, foi resolvido offi-ciar-se às firmas Wicander, Herold & C.ª e Bukiel & Sons, no sentido de continuarem a dar o serviço como ele era feito antes da greve. Foram tomadas as seguintes resoluções: a acção a desenvolver contra os causadores deste incidente, sr. Rosa Esteves, Mário Tavares e Francisco Fernandes Viana.

Federação Metalúrgica. — Com a presença dos sindicatos com delegação directa de Lisboa e Cascais e, por delegação indirecta, dos sindicatos da Covilhã, Évora, Portimão, Peniche, Aljustrel, Vila Real, Porto-Almada, reuniu o conselho federal a que presidiu o delegado por Évora: Leu-se o expediente que constava de diversos ofícios do Comité do Norte, de Peniche, Cascais e Beja e tomou-se conhecimento da constituição dos Sindicatos Unidos de Cascais, Beja e Rio Mouro, com o que o conselho se constituiu.

Lidos ofícios de Olhão, foi estimatado o incorrecto procedimento de um metalúrgico naquela localidade, especialmente na actual greve dos soldados.

O conselho não aceitou o pedido de demissão do tesoureiro que, depois de fazer umas declarações, aceitou continuar exercendo o seu cargo, tendo sido resolvido não recompor a comissão administrativa até segunda resolução.

Tomado em consideração o ofício da Federação das Juventudes Sindicalistas foi deliberado concorrer com 50.000.

Sobre um ofício do sindicato de Peniche, dando conta do conflito suscitado com o pessoal da Sociedade Peninsular de Conservas Ltd.ª, e sobre o qual a Comissão Administrativa já tinha encetado trabalhos, ficou assente que dois delegados da Federação entrevistem hoje os industriais daquela firma.

O Conselho Federal, na sua última reunião, apreciou largamente a que está do inquilinato, tendo resolvido acompanhar de perto a C. G. T. e U. S. O. na sua acção contra as gananciais pretensões dos senhorios, para o que nomeou um delegado.

Sindicato Unico da Construção Civil — Conselho de Secções. — São prevenidos todos os operários da indústria, de que, para se facilitar o trabalho da Comissão de demarções, no respeitante ao aumento de salário, se torna absolutamente indispensável que comecem por escrito, para este conselho, quais os salários que auferiam até 12 de Maio p.º, data em que foi enviada a circular-reclamação aos mestres de obras, industriais, engenheiros e patrões, e o salário que actualmente auferem.

A referida comunicação deve ser entregue na nossa sede, até terça-feira, 26 do corrente, pelas 20 horas, devendo ser entregue ao continuado, não estando presente qualquer delegado.

Para melhor lucidação, devem vir devidamente descriminação os salários anteriores e actuais, classe por classe, indicando as obras e oficinas onde trabalham, e os nomes dos respectivos mestres, engenheiros ou patrões.

Secção profissional dos carpinteiros. — A comissão nomeada para rever as contas do Conselho Técnico, reuniu, e resolveu dar as suas reuniões às segundas, quartas e quintas-feiras, esperando que os delegados nomeados não faltem.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil. — Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho federal para se ocupar de assuntos de imediata resolução, os quais exigem a comparença de todos os delegados.

Federação Marítima. — O conselho federal volta a reunir na terça-feira da próxima semana, pelas 20 horas.

Federação Mobilíaria. — Por motivos imprevistos não pôde reunir ontem o Conselho Federal, ficando a sua reunião adiada para hoje, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Apreciar um ofício do S. dos Cesteiros de Gonçalo; 2.º Decidir sobre a circular n.º 33 da C. G. T. 3.º Resolver sobre a electificação do 2.º Congresso Nacional dos Operários da Indústria Mobilíaria de Portugal.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Federação Metalúrgica. — Reúne

ABASTECIMENTOS

O peixe

Foram tomadas providências para resolver o abastecimento do peixe à cidade. O Diário de hoje publica um edital do Commissariado autorizando os barcos de pesca de qualquer nacionalidade, a desembarcarem peixe no porto de Lisboa.

O referido diploma garante aos armadores estrangeiros e nacionais, todas as facilidades, por parte do Commissariado.

Os vapores estrangeiros ficaram isentos do pagamento de multa pela falta de documentação, sendo-lhes também dispensado o pagamento do imposto de pesagem.

A Exploração do Porto de Lisboa, a semelhança do que tem feito com os generos que se destinam ao Commissariado, dará preferência na acostagem aos vapores carregados de peixe.

Esta determinação que entra imediatamente em vigor, será revogada mediante a publicação de um novo edital, o qual terá em vista não causar prejuizos aos armadores, e de modo a não serem colhidos de surpresa, ficando impossibilitados de descarregar o peixe que tragam para o abastecimento.

Postos de venda

Logo que esteja normalizado o abastecimento de peixe na capital, continuarão sendo criados novos postos de venda de peixe grosso, e médio para o qual estão sendo construídas barracas apropriadas a esse fim. Um dos primeiros a inaugurar ficará instalado no largo de Sapadores, devendo seguir-se-lhe a montagem de postos em Sintra, Amadora, Belas e Carnide.

As iniciativas dos postos para venda de peixe tem por fim não só a defesa do público contra a especulação das vendedeiras, mas ainda habilitá-lo a comprar a preço tão generoso.

Foram dadas ordens para os postos, sempre que falte o peixe grão, vendam sardinha e carapau, e para abrirem a qualquer hora do dia logo que haja vapores com peixe a descarga.

Venda de hortaliças em Queluz

O Commissariado dos Abastecimentos está tratando da criação de um posto de venda de hortaliças e outros produtos agrícolas na povoação de Queluz, onde há pouco foi estabelecido um posto de venda de peixe que tem dado os melhores resultados. Naquelle sentido foi pedido a coadjuvação da Escola Agrícola de Queluz para abastecer o referido posto, sendo os produtos vendidos de conta do Commissariado.

OS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

A BATALHA

A BATALHA

A BATALHA

A BATALHA

TRACOS PSICOLÓGICOS DE ALGUNS DELES — A VAIDADE — PENSAMENTOS SOBRE A RIQUEZA E A POBREZA

A maioria dos funcionários que tenho conhecido, não só, se não importam com o movimento progressivo das restantes classes proletárias, se não ainda que combatem a minoria daqueles que olham o estado crítico da sociedade, se dispõem a caminhar desassombradamente, e como de resto os camareiros já calcularam, com posturas que julgando-se aliadas em pleno feudalismo consideram os seus inferiores chamados-lhe assim, como seres que nascendo humildemente, humildemente trem de permissão e morrer, pois que afeitos quantos mais inferior não pode como eles aspirar aos gozos, aos luxos e às amáveis que eles aspiram.

Classe há que sempre que se projecta um movimento de carácter geral contra o funcionalismo, contra as premissas e desprêços dos governos ou dos parlamentos, a ele se escusam, com o entendimento de que não podem aderir, pela natureza do serviço que desempenham, e entre elas, citarei a do professorado secundário, refratária sempre às manifestações pacíficas efectuadas pelas restantes se bem que seja das primeiras a gozar as regalias conquistadas.

O argumento de que esta ou outra classe, não pode manifestar pacificamente ou energeticamente, pela missão que exerce na sociedade actual não colhe, e não colhe porque esta missão aliás bem delicada e proveitosa, não evitando que ensinem aos alunos o direito que a estes assiste de reclamarem aquilo a que têm jus, muito menos evitam a gozação, muito menos evitam a gozação.

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de S. José, faleceu horas depois de ali ter dado entrada João David, de 43 anos, carpinteiro, residente no logar de Canadães, freguesia de Meça, que numas obras de construção de um barracão, nas propriedades de António Padilha, em Vila do Carregado, caiu de uma escada, fracturando a coluna vertebral.

Na sala de observações do Banco do mesmo hospital, deu entrada José Maria Neves, de 25 anos, carreiro n.º 11 da Câmara Municipal de Lisboa, residente na Alameda Central, que na rua Vicente Borges, ficou entalado entre a carroça e uma parede, ficando muito confuso no torax.

Tentaram suicidar-se: Celeste da Conceição Carrige, de 17 anos, residente na Praça do Mercado, 34, no Barreiro, que deu entrada na enfermaria de Santa Emília do Hospital de S. José, e Abílio dos Santos, de 25 anos, moço de limpeza no Matadouro Municipal e residente na rua Rebelo da Silva, 18, rés do chão, que deu entrada na sala de observações do Banco do mesmo hospital.

Quedas: No Banco do Hospital de S. José receberam curativo António Simões, de 57 anos, pedreiro, residente na rua das Mercês, 20, 1.º, que caiu pela escada da residência, ficando ferido na cabeça, e António Pedro da Silva, de 46 anos, engraxador, residente na rua do Salvador, 54, que caiu pela escada da residência ficando confuso pelo corpo.

Sem assistência: Na Morgue deram ontem entrada Francisco Augusto Cerqueira e Francisco José Rodrigues, que faleceram sem assistência.

Colido por um ferro: No banco do Hospital de S. José recebeu curativo, recolhendo depois a casa, Francisco Maria da Cunha, de 28 anos, empregado do comércio, residente na travessa dos Inglesinhos, 8, que perto da residência foi colido por um ferro, ficando ferido no pé esquerdo.

Atropelamentos: Depois de operado no banco do Hospital de S. José, recolhendo a enfermaria de S. Francisco, João Dias de Almeida, de 17 anos, vitrolheiro, residente na rua das Amoreiras, que na rua de Arroios, foi atropelado por um automóvel, ficando com o crânio fracturado.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

que ela única isoladamente por intermédio do seu sirviente chamasse a atenção do professorado para a nova reforma do ensino, que dizem lhe fere os interesses.

E, assim, o professorado secundário, que, aqui, das lutas entre funcionalismo e governos, só tem conhecido os barcos centavos conquistados e tirados si a parte de mão, agora se prepara para agir e quem sabe, se para lutar com o autor da cidade reformada, porque se propõe dizer, certo-lhe as coisas de interesses conquistados, mostrando assim, que o único argumento que se opõe a sua união com o restante funcionalismo público, ao contrário do que faziam correr, é ainda um pouco de vaidade pela sua posição na escala social, e o desejo, de se desviam daqueles que consideram seus inferiores, embora como eles dependentes do mesmo patrão e como eles desempenhando uma função útil.

Isto falando de classes, pois que se formas para os indivíduos, então seria um pouco acabar, e nota interessante, para mim, e nestes e não naquelas que reside o principal mal do funcionalismo, visto que revestido de certo comodismo, impostura e vaidade, não evita o contacto com os seus irmãos de sofrimento, como dispo de vários meios ao seu alcance, persegue e castiga, aqueles se dispõem a caminhar livremente. Para certos e determinados funcionários a condição de pobre é sinónimo de sofrimento perpétuo, a sociedade para ele, deve ser o algoz, algoz feroz, algoz que busque os tor-

mentos mais esquisitos para o torturar, não, na dignidade, e não nos afecções, como nas aspirações.

Para ele o dinheiro não só a pobreza, a importância social se não ainda, o bom nome, a felicidade, a competência, a inteligência e portanto o lugar que deve ocupar no Estado. O mundo, os gozos e os prazeres, fizeram-se para o dinheiro. Dizer-lhe que o homem pobre é um homem, como o rico, que como ele sonha a felicidade, como ele tem aspirações, assim como ele é igual em todos os males e em todas as fraquezas do organismo e do espírito, é provocar-lhe o vício, e é fazer-lhe o imp de raiva. Pois ele pode já admitir que alguém a não ser ele que manda, e é superior tem aspirações e olhe para o alto, para os prazeres que a natureza proporcionou? Nada! pois o seu inferior que sofre e padeca; se não, quem o mandou nascer pobre, ou entrar para os serviços públicos, sem ser pela mão da política, dessa porca que tudo, amesquinha desde a honra à dignidade e desde o saber à competência?

E assim o pensar da maioria dos que imperam no seio do funcionalismo público, para nós todo o dinheiro e todas as regalias são poucas, para os outros, qualquer importância, qualquer favor, é muito.

Outros há, que de há muito têm um nome feito dum extremo ao outro do País, como por exemplo o sr. Abel Dias de todos bem conhecido, mas como o espaço é pouco, ponhamos ponto por hoje.

Paulo EMÍLIO

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de S. José, faleceu horas depois de ali ter dado entrada João David, de 43 anos, carpinteiro, residente no logar de Canadães, freguesia de Meça, que numas obras de construção de um barracão, nas propriedades de António Padilha, em Vila do Carregado, caiu de uma escada, fracturando a coluna vertebral.

Na sala de observações do Banco do mesmo hospital, deu entrada José Maria Neves, de 25 anos, carreiro n.º 11 da Câmara Municipal de Lisboa, residente na Alameda Central, que na rua Vicente Borges, ficou entalado entre a carroça e uma parede, ficando muito confuso no torax.

Tentaram suicidar-se: Celeste da Conceição Carrige, de 17 anos, residente na Praça do Mercado, 34, no Barreiro, que deu entrada na enfermaria de Santa Emília do Hospital de S. José, e Abílio dos Santos, de 25 anos, moço de limpeza no Matadouro Municipal e residente na rua Rebelo da Silva, 18, rés do chão, que deu entrada na sala de observações do Banco do mesmo hospital.

Quedas: No Banco do Hospital de S. José receberam curativo António Simões, de 57 anos, pedreiro, residente na rua das Mercês, 20, 1.º, que caiu pela escada da residência, ficando ferido na cabeça, e António Pedro da Silva, de 46 anos, engraxador, residente na rua do Salvador, 54, que caiu pela escada da residência ficando confuso pelo corpo.

Sem assistência: Na Morgue deram ontem entrada Francisco Augusto Cerqueira e Francisco José Rodrigues, que faleceram sem assistência.

Colido por um ferro: No banco do Hospital de S. José recebeu curativo, recolhendo depois a casa, Francisco Maria da Cunha, de 28 anos, empregado do comércio, residente na travessa dos Inglesinhos, 8, que perto da residência foi colido por um ferro, ficando ferido no pé esquerdo.

Atropelamentos: Depois de operado no banco do Hospital de S. José, recolhendo a enfermaria de S. Francisco, João Dias de Almeida, de 17 anos, vitrolheiro, residente na rua das Amoreiras, que na rua de Arroios, foi atropelado por um automóvel, ficando com o crânio fracturado.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Prisões arbitrárias

Há cerca de um mês, quando seguim em missão de propaganda da organização operária para Valença, foram presos na estação de Caminha os camaradas Arcidio Aragão, Manuel Augusto da Silveira e Manuel Fernandes.

Dali vieram para Lisboa, para averiguarem da sua nacionalidade, visto dois deles serem argentinos, encontrando-se com três nos calabouços do governo civil, sem culpa formada e sem haver a mínima acusação que pesa sobre eles.

Apesar de há 14 dias ali se encontrarem, não estiveram primeiro detidos no Porto, só foram sujeitos a uns breves interrogatórios.

Segundo a lei, aquela lei que nos afirmam constantemente, que devemos acatar e respeitar, nenhum cidadão pode estar preso mais de 8 dias sem culpa formada. Portanto, a continuação de tais prisões é arbitrária e é de boa lógica, para serem coarctados com a Constituição, que as autoridades competentes deem a liberdade a aqueles camaradas.

FESTA ESCOLAR

Realiza-se no domingo na Escola Normal Primária de Lisboa

Realiza-se no próximo domingo nesta escola, em Benfica com início às 14,30 horas, uma festa dedicada ao professorado primário, devendo nela comparecer os professores primários de qualquer grau e os antigos alunos que por lápis não tenham recebido convite directo.

Desde as 13 horas de amanhã encontrar-se há patente uma exposição de todos os trabalhos escolares de todos os alunos, não sendo nenhum trabalho executado expressamente para a exposição.

Devemos aproveitar o ensejo para notar que estão há muito suspensos os trabalhos para a conclusão do edifício, o que prejudica professores e alunos e o próprio Estado, que deixa negligente estragarem-se os materiais sob as inclemências das tempestades.

foi atropelado por um automóvel, ficando com o crânio fracturado.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

VIDA ANARQUISTA

Grupo «Os Rebeldes». — Coimbra. — Dessejando fazer irradiar a sua propaganda por toda a região coimbrã, convidou todos os camaradas que residam nas vilas ou povoações limítrofes, a trocarem correspondência com este grupo, para assim se poder fazer uma regular e melhor distribuição de manifestos, folhetos ou qualquer outro meio de propaganda.

Este grupo já iniciou os seus trabalhos de divulgação dos princípios anarquistas, fazendo no dia 1.º de Maio uma profusa e gratuita distribuição de exemplares da «Comuna», folhetos, livros revolucionários, etc., etc.

Na sua última reunião foi apreciado um ofício enviado pela União Anarquista e em que se chamava a atenção do grupo para o grande e desumano escândalo que se está passando em volta do «Hospital dos Engeldes», desta cidade, assunto que tem sido tratado nas colunas de A Batalha.

Depois de larga discussão, foi resolvido publicar um manifesto editado por este grupo, protestando contra a pretensão de desalojar as crianças do edifício de direito lhes pertence.

Foi também constatado, com grande satisfação, o aparecimento de novos grupos anarquistas, prova de que os trabalhos saldos da Conferência de Alentejo não foram improficuos.

Foi resolvido saldar por este meio os novos paladinos do Ideal.

Toda a correspondência deve ser dirigida a A. E. Januário, Rua Direita, 12, Coimbra.

Comité de Propaganda Anarquista (Lisboa). — Dessejando este Comité dar início aos trabalhos de que lhe incumbido, e achando-se de momento impossibilitado de o fazer devido à falta de fundos, torna-se necessário que os anarquistas e proletários revolucionários de Lisboa em especial, enviem o auxílio monetário com a máxima brevidade, para que ele possa cabalmente desempenhar-se da sua missão.

Toda a correspondência, auxílio monetário, etc., para este Comité deve ser dirigida a Virgílio de Sousa, Travessa da Água de Flor, 16, 1.º, Lisboa.

União Anarquista Portuguesa. — Comité Nacional. — Para assunto urgente reúne hoje.

AGREMIÇÕES VARIAS

Grémio Alentejano. — Este Grémio realiza hoje, pelas 21 horas, na Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 19, 1.º, uma nova sessão para se continuar a ultimar a discussão dos estatutos, que tem sido discutidos com bastante entusiasmo, denunciador do acolhimento que o Grémio teve entre a numerosa colónia alentejana.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Também recebeu curativo no banco do mesmo hospital, Gertrudes de Oliveira, de 15 anos, vendedeira ambulante, residente na rua da Calé, 18, 1.º, que na praça Duque da Terceira foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo e ferida no joelho esquerda.

Na enfermaria C 2 A B, do Hospital Escolar, deu ontem entrada José António Pereira, de 16 anos, servente de escritório e residente na Avenida Duque de Avila, 92, 2.º, que na Avenida da República foi atropelado por um automóvel, ficando confuso no corpo.

Festas artísticas

Realizase hoje, no Politeama, a festa de Amélia Rey Colaço, que pelo seu talento e cultura conseguiu conquistar na cena portuguesa um lugar de destaque. Representa-se a célebre peça de Alexandre Dumas, «A dama das camélias», na versão propostamente feita feita por Norberto de Azeiteiro, com montagem rigorosamente à época e cenários novos, de Luz e Almeida, sob maquiagem de D. Alice Rey Colaço, sendo o guarda roupa confeccionado por Castelo Branco. A festividade interpreta a protagonista.

Terça-feira, em S. Carlos, representa-se a célebre peça de Sudermann «A Magda», de que Lucília Simões tem uma das suas mais surpreendentes criações, e a «Sua nobreza».

Efectua-se na próxima semana, no teatro Apolo, a récita de homenagem ao ilustre actor Brazão, constando o espectáculo das peças «Safadade», de Henrique Lopes Mendonça, e «Mãe sinar», de Bento Mântua.

A 2.ª dessas peças, apresenta a novidade do festejado interpretador, pela primeira vez, o papel criado pelo falecido actor Inácio Peixoto, estando o de Brazão, agora a cargo de Gastão Alves da Cunha e estando distribuído a José Ricardo o que Joaquim Costa desempenhava.

— Já na próxima quarta-feira a reabertura do Nacional, com a sua nova companhia, com a qual iniciará a temporada de verão. A peça da estreia é «A Viúva Gomes», original de João Bistas e Henrique Roldão, em cujo desempenho entram Joaquim Costa, Clemente Pinto, Silvestre Alegria, Matos Reis, Joaquim de Oliveira e Botelho do Amaral, no que se refere ao elemento masculino.

Recrêames

Para ir toda a noite não há melhor espectáculo do que o do Apolo, com «O meu homem».

José Ricardo é verdadeiramente impressionante nessa peça, fazendo vibrar irreprimíveis gargalhadas e acompanhando o, brilhantemente, Ilda Silveira, completando os outros artistas a graciosidade do conjunto.

— A revista «Ceu aberto», em scena no Eden, é o mais atraente e maravilhoso espectáculo da actualidade, apresentando-se, sempre, em duas sessões.

O Eden é o teatro mais arrojado de Lisboa, e as suas sessões começam a horas fixas, terminando os espectáculos às horas normais.

— Ontem, na «reprise» de «A casa encamada», o elegante teatro de S. Carlos viu a sua sala enormemente concorrida. O interessante original de Victoriano Braga continuou a merecer o agrado do público, e a valer a Lucília Simões entusiásticas aplausos, pela forma brilhante como interpreta a parte de «Mad. Schuback». Ao seu lado, o principal papel masculino, distinguindo-se Erico Braga, sendo perfeito o conjunto de desempenho. Repete-se hoje esta peça.

O espectáculo de hoje no Avenida é atráctissimo, visto o seu programa ser constituído pela «reprise» da peça do velho repertório «O gaio de Lisboa», soberba criação de Adeline Abranches, fazendo no final desta peça as suas encantadoras câmbios a ilustre actriz Adela Abranches, que se dedica às senhoras de Lisboa.

COMPRA-SE Banco de mercenário ou carpinteiro, indicar onde se pode vir, para a Rua dos Navegantes n.º 83, 3.º esq.º.

DESPORTOS

FUTEBOL

Techeco contra Marítimo Foi uma completa desilusão a exibição ontem feita em Palmavã pelo reclamado «Meister S. K.», de Praga, contra o Sport Club Marítimo, do Funchal. Foi, para todos que assistiram, uma tremenda massada, porque o jogo se conduziu sem brilho e sem entusiasmo. Ao começo apenas o Marítimo fez combinação, assediado de continuo as redes adversárias; os techecos, porém, assistindo o jogo, produziram alguma coisa, que nada foi, em bom verdade.

A vitória coube aos techecos por 4 bolas a 3. Veremos se nos sucessivos jogos que se executarão esta má impressão desaparece.

TRABALHADORES:

Lede: «A Batalha»

coisa alguma nem se pode emparelhar essa lenda com cântico algum. Raciocinemos. Julgais realmente que esse Deus é prático?

Tu dizes: «Deus não é o que supõem. Deus é uma torre ao redor da qual se cavam fossos; é uma silhueta mais alem do abismo. Não o vê e não o vê-lo demasiado é crime. O altar é Ele. Nunca admitirá a multidão ao Ser puro, infinito, que a abstracção complica. Deus não será para o vulgar Deus, se não for de pedra. Necessita ter casa para rezar nela; Deus deve ir e vir, entrar, passar e caminhar. Deve ter um anjo à porta, como o rei tem um alabardeiro.

O homem necessita que Deus imprima o pé na sua arcia, e este pé é o dogma. Não pode a multidão compreender um Deus que seja intangível, sem catolicismo, sem Bíblia; sem que não conversem fraternalmente com Ele os quatro Evangelistas; sem que as velhas possam ter o retrato nos seus quartos; um Deus do qual se não possa dizer que tem uma cara assim: que desceu até Moisés, que falou a Japhet, que é uno e trino, que gosta de dar e que não gosta que lhe toquem nas suas árvores de fruto.

Se Deus não é assim, é incompreensível para os homens; é preciso que nos ensine o seu Pentateuco; com o seu livro e o seu contra, ou o seu Talmud. Jesus, ou o seu Zend-Avesta, ou o seu verbo que levou Job e confirmou Bedra, ou os seus Psalmos, que cantavam os cavaleiros de Malta, ou o seu Talmud; porque se não tem evangelho algum, que espécie de Deus é esse?

— E um Deus sem documentos. Da que necessitamos é de um Deus que seja de propósito para os aldeões, um Deus que os ignorantes compreendam, que seja homem-Deus. Seja dogma o que seja, que não seja visível. Necessitamos que seja, castelvel e que participe um tanto de todas as nossas paixões. Sendo bons crentes, façamos algumas concessões, acatemos a nossa ideia e eu aceitarei alguma coisa da vossa.

Tu dizes: Deus deve ter a barba comprida e deve ser muito velho. Deste modo se consegue com mais facilidade que os homens ajoelhem ante Ele. A força dos antigos tempos, que nos transfiguramos, enuncia o povo, porque o homem apaixonado pelo mistério. A cruz de Santo André manda em Inglaterra. As grêlhas de São Lourenço produziram o Escorial.

Tu dizes: «O homem só tem fé no que é imemorial. A religião que pretende ter prozélitos e saquezes deve ser secular, antiga, solene e deve apontar-se no montão das ideias revo-

BENAVILA

18 DE JUNHO

A crise de braços ou a perseguição aos rurais

É insuportável e revoltante a perseguição que actualmente se está fazendo no concelho de Aviz aos trabalhadores rurais organizados. Esta perseguição, sistematicamente feita, obedece a um plano, maquiavelico e traçoado, no intuito de destruir a pequena propriedade de organização sindical-rural e que mesmo assim já há há tempos a esta parte vinha perturbando a digestão dos lavradores e os que vivem à custa do suor alheio.

Não podendo estes arcar, ficar inactivos, perante alguns actos de rebeldia dos escravos, tinham que fatalmente exercer a sua acção. E que haviam de fazer? Reduziam clandestinamente-se as informações que temos não são falsas, e pelo que se está vendo não são e resolveram não dar trabalho aos trabalhadores organizados. Esta resolução revelou-nos dum forma exuberante até onde pode chegar a malícia de semelhantes criaturas.

Este concelho, que podia ser um importante centro de produção de trigo, não produz senão a decima parte do que devia produzir, porque os lavradores mais convém. Assim, semeando pouco, ganham mais e ainda por ter a grande vantagem de melhor perseguir os trabalhadores negando-lhe trabalho. Sim, porque nesta ocasião das ceifas, em que devia haver abundância de trabalho, dá-se justamente o contrário. Os srs. da lavoura, manejando as coisas a seu belo prazer, servem-se das mulheres para as ceifas por serem de mais fácil exploração e, sobre tudo, de submissão.

Este lamentável estado de coisas é a grande prova da falta de organização e a mais que provada exploração capitalista. Os lavradores valendo-se da ignorância dos seus escravos, não hesitam em explorá-los pelas mais variadas e terríveis formas... E ali daqueles que ossem revoltar-se, porque a esses então nem já exploras os querem; lançam os na miséria, pretendendo fazê-los render pela fome.

Srs. lavradores do concelho de Aviz, é melhor terminarem com essa tão feroz perseguição porque esse procedimento vai causar a revolta no coração das vossas vítimas, e se pretendes fazer desaparecer os sindicatos rurais do concelho, isso é muito mau sintoma. Além disso é muito mau, esquecer que a fome é má ou boa conselheira.

E a vós, trabalhadores rurais do concelho de Aviz, que julgais ter mais responsabilidade na vida dos vossos sindicatos, recomendamos-vos que levantis a vossa voz contra a tirania dos senhores.

Neste sentido apelamos por intermédio de A Batalha para os organismos centrais: C. G. T. e Federação Rural para que indaguem destes assuntos pois estamos informados de que esta repressão se estende aos concelhos limítrofes, e tais medidas podem ter um carácter geral.

Alerta! trabalhadores rurais! — C.

BELAS

21 DE JUNHO

Uma excursão

Promovida por um grupo de músicos da Academia Recreio Musical de Belas, projecta-se para o próximo domingo, 24, uma excursão a Cintra, Ericeira, Mira e volta em camion. No trajecto a Academia tocará algumas peças do seu repertório. A partida de Belas faz-se às 5 horas, devendo todos os excursionistas estar no local às 4 horas e meia, perdendo o direito ao dinheiro quem não comparecer.

A higiene

Chamamos a atenção da Câmara Municipal de Sintra assim como dos vereadores locais, para que tenham mais atenção pelo estado higiénico da localidade, como seja a limpeza das ruas e largos, que são uma imundície, existindo um cantoneiro que apenas tira o lixo e não cuida das ruas. Também se chama a atenção para que o vasadouro do lixo na praça 5 de Outubro acabe, porque passam-se dias que fica amontado, o que poderá ocasionar uma epidemia. — C.

ALJUSTREL

20 DE JUNHO

Um novo jornal

Acabamos de ver O Aljustrelense, periódico quinzenal independente e regionalista saído há pouco, e de que é redactor principal, João Manuel Filipe. Vem colaborado por novos que se afirmam.

ALJUSTREL

20 DE JUNHO

